

Introdução

Existem diversos estudos sob perspectivas dissimiles sobre a presença da população negra nas Américas. No Brasil, por exemplo, segundo Ana Regina Falkembach Simão, estas perspectivas podem ser classificadas a partir de três autores, a saber Gilberto Freire, que, em sua obra *Casa grande e senzala*, “tenta justificar o sistema escravista brasileiro enfocando a população cativa como acomodada e adaptada à escravidão”; Clóvis Moura, que em seu livro *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas* parte do reconhecimento do cativo como sujeito histórico em constante resistência; e Stuart Schwartz (este é norte-americano) e outros que compartilhem a tese do cativo como um “ser social disposto a reconciliação e a acomodamento”.

Nos Estados Unidos, as perspectivas históricas comumente mais divulgadas pelos afro-norte-americanos são: a leitura da igreja negra como comunidade negra, a histórica luta pelos direitos civis e, anteriormente a estas duas, as biografias e autobiografias de escravos como ilustração da resistência.

No Caribe, o perfil da história do povo negro se pode resumir em duas grandes variáveis: **escravidão - economia**, inspirada na famosa tese *Capitalism and Slavery* do afro-trinitário Eric Williams, em 1943; e **religiosidade como consciência sociocultural**. Estes dois grandes eixos têm sido enriquecido com as perspectivas dos estudos

culturais do afro-jamaicano Stuart Hall, com as observações dos afro-martiniquenhos Frantz Fanon e Aimé Césaire e com as contribuições dos rastafricanos e teólogos cristãos negros.

Cada perspectiva em separado é boa, mas contém a dificuldade de não apresentar de forma adequada o esquema apropriado do conjunto do mundo afro/negro. Alguns autores, pela exaustiva abordagem de certos assuntos, descuidam totalmente de determinados aspectos sem os quais é impossível uma leitura plausível do universo afro/negro. Por esta razão, nos propomos, não inventar algo novo, e sim convergir em uma síntese capaz de captar as diferentes variáveis e apresentá-las de modo simples com vistas à sua utilização por graduandos e outros não especializados na temática.

1. A negritude como leitura da história

Como aclaramos na introdução, nosso objetivo não é inventar um sistema de referência para a leitura histórica, mas nos propomos fazer uma síntese que incorpore os diferentes aspectos que compõem a estrutura do mundo afro/negro. Aqui estaremos utilizando as variáveis **afro/negro**, porque alguns antropólogos fazem diferença entre afro e negro. Para eles, “afro” significa *os valores que se reportam à África*; entretanto, a variável “negro” aponta ao conceito de *resistência dos negros nas Américas*. Em nossa compreensão e na pró-

pria compreensão dos antigos africanos egípcios, *negro* é, também, um valor intrínseco na africania. Na minha opinião, falar do candomblé como um valor africano sem fazer referência ao papel que desempenha como valor de resistência negra é uma falta de compreensão. Do mesmo modo, quem fala dos quilombos como valor de resistência negra sem observar a africania da estrutura de tal instituição demonstra sua compreensão insuficiente de nosso mundo. Portanto, ao utilizar o binômio “afro/negro”, estou tomando como realidade a função inseparável de africania e negritude para os afro-descendentes. A pessoa que proclama negritude sem africania é um órfão, que abandonou sua mãe África. Quem se proclama africanista sem considerar a negritude é um pai andarilho, está abandonado por seus filhos.

O mundo afro/negro, em especial nas Américas, que é o caso que nos ocupa neste artigo, o ilustraremos como uma **árvore**, com suas raízes, tronco e galhos. Sabemos pelas ciências biológicas que uma árvore sem algumas de suas partes está a caminho da morte. São tão necessárias as folhas, onde se realiza a fotossíntese, como as raízes, por onde entram os nutrientes. No mundo afro/negro, cada parte de sua complexa estrutura é necessária. E é nesse sentido que entendemos a negritude como uma leitura da história, sabendo que a história “é um construto mental que se nutre das informações das fontes escritas, orais e visuais para relacionar, através da hermenêutica, os sujeitos e a comunidade afro/negra em seus projetos de vida

através do tempo”. A negritude como história tem várias funções, desde a descrição dos ambientes até seu aspecto mais mascarado, como é seu emprego ideológico. Continuaremos apresentando esta estrutura na forma de árvore e explicando seus respectivos conteúdos.

2. A árvore da negritude



As árvores, segundo o sistema de pensamento africano-bantu, correspondem à categoria *Kintu*, que significa a vida dos seres-sem-inteligência. Nesta categoria se encontram os animais, minerais, substâncias e as coisas em sentido geral. Quando era criança, minha avó usava diariamente as árvores para ilustrar os conceitos e as realidades mais distantes. No exercício dessa prática que aprendi naquele tempo é que apresento esta ilustração. Tenho consciência de que no futuro parecerá que isto que eu entendo por raízes para outros pesquisadores será o tronco ou talvez os ramos. Não obstante, parto do princípio de que a

realidade pode ser vista em seu conjunto desde as diferentes cosmovisões, e cada visão da mesma realidade é uma contribuição para melhor entender a vida e suas implicações. Por isso, esta árvore cumpre uma dupla função: ilustrar o processo de luta pela vida das comunidades afro/negras e, ao mesmo tempo, expressar a contribuição dada pelo povo afro/negro à humanização das relações no mundo.

2.1. As raízes da árvore da negritude

A muitos parece que a primeira coisa que surge de uma árvore são as raízes, porém as pessoas que vivem no campo sabem que nem sempre isso é assim. Algumas vezes a vida de uma árvore começa por uma semente, outras vezes a árvore começa com um pequeno galho que uma criança planta no jardim, e ainda existem árvores que têm a capacidade de ressurgir a partir de uma folha. Em algumas ocasiões, a primeira coisa a surgir é um tenro talo, ou uma delicada folha, ou uma fina raiz. A árvore da negritude é semelhante em muitos sentidos às árvores do bosque, em especial às árvores tropicais que sempre têm sobre si todo um mundo de cipós, orquídeas, colméias e outros pequenos seres. Assim a vejo e assim a desenhei.

Agora, as raízes da negritude, as vejo como aquelas *condições* que enfrentaram, e a partir das mesmas surgiu um sistema de vida que inclui uma cultura, um modelo alternativo de economia e uma estratégia(s) ideológica e política para a conservação da vida. Deste modo as três principais raízes da negritude podem ser pensadas assim: 1) *Identida-*

de, como raiz central e portadora do sustento cultural, religioso e histórico. 2) *Condição de classe*, raiz amarga que revela até onde a ambição por riqueza do homem branco pode tirar a vida de milhões de pessoas negras. Também esta raiz revela as forças do povo negro, sua resistência e seu eterno e infinito amor à vida. Ai, ai, quantas lágrimas, quantos sofrimentos, quanto trabalho ainda não remunerado! Quanta riqueza roubada do suor de nosso povo, quantas dívidas! Quanta pobreza! 3) *A luta contra o racismo* é a outra raiz que mantém de pé a árvore da negritude. Esta raiz surge como muitas das raízes das árvores do Caribe, isto é, como consequência dos fortes furacões de conceitos etnocêntricos e como mecanismo de sustento contra todo vento que insista em arrancar a dignidade humana do povo negro. A luta contra o racismo não é só uma luta intelectual de percepções e noções abstratas; pelo contrário, é uma batalha concreta pela vida. Porém, não por qualquer tipo de vida, e sim por uma vida com educação, com reconhecimento, com lazer, com pagamentos justos, com acesso a todas as condições e exercícios que as sociedades têm e que ajudamos a construir.

2.2. O tronco da negritude

As raízes da árvore não ficaram mortas nas profundezas da terra, mas nutriram um tronco de maravilhosas comunidades afro/negras que se estendem em todas as Américas. Estas comunidades são o conjunto do povo negro que sobreviveu a todas as vicissitudes da escravidão, do racismo e da pobreza. É uma comunidade que se une no imaginá-

rio coletivo de luta pela vida, que está ligada na utopia humana onde cada pessoa e cada grupo humano tenham um lugar digno. Existe na comunidade negra dissímiles tendências políticas, como em qualquer outro povo, porém acima dessas diferenças existem rasgos físicos, culturais e religiosos que confluem em uma unidade. A unidade do povo negro já se manifestou nos inumeráveis quilombos que se erigiram como coluna do panafricanismo no passado escravista; também se podem mencionar os grandes congressos panafricanos mundiais, os Congressos Latino-Americanos e Caribenhos de Cultura Negra, as consultas teológicas dirigidas pelo Conselho Mundial de Igrejas e outros simpósios e organizações internacionais.

2.3. Os galhos da negritude

A comunidade afro/negra se expressa em comunidades de ênfases mais específicas, que aqui entendemos como galhos unidos substancialmente ao conjunto da comunidade afro/negra universal. Estes galhos, ou comunidades de tendências específicas, não devem ser estudados de forma ilhada do tronco. Não devem se analisar como grandezas individuais porque é impossível, já que o ser humano é ao mesmo tempo religioso, político e um ser criador de cultura. Por exemplo, estudar os Abakúas cubanos somente como grupo religioso é um grande erro, pois eles também são uma resposta cultural e em determinado momento atuaram como líderes políticos. Não obstante, é importante saber que existem na comunidade afro/negra certos agrupamentos com um bloco de

características específicas que podem ser classificadas em três: 1) A comunidade *afro/negra religiosa*. Aqui estão inscritos os afrocristianismos, os grupos negros teológicos-ideológicos (Cenacora, Identidade, Guasá), as grandes religiões reconstruídas a partir de elementos africanos como o candomblé, a santería e outras; 2) A comunidade *afro/negra étnico-cultural*. Incluem-se nesta os grupos musicais (hip-hop, jazz, reggae, blues), programas de televisão como o *Domingo da gente* de Netinho, grupos teatrais (Teatro Experimental Negro no Brasil, Teatro do Ritmo Peru), clubes lúdico-sociais, tertúlias afro-poéticas; 3) A comunidade *afro/negra sócio-ideológica*, é a comunidade mais visível por sua ativa discussão nos meios da imprensa mundial. Na mesma podem se incluir desde as revoltas e revoluções até as ONGs que abundam em todo canto da América Latina e no Caribe. Algumas têm caráter educacional, como o Centro Universitário Palmares, no Brasil, outras se preocupam com a luta pelas terras, como é o caso das ONGs negras da costa pacífica da Colômbia.

2.4. As folhas da negritude

Como temos visto, cada parte da negritude é importante e está intimamente relacionada com as demais partes. As folhas da negritude, que quase sempre são as que se mencionam, são constituídas por um contingente de pessoas negras que, em um dado momento da história, representaram a comunidade afro/negra. Ao falar de representação, evocamos a liderança política ou religiosa de certas pessoas negras; e também

estamos evocando aquelas que, aparentemente de forma individual, mantiveram as tochas da negritude fazendo sua contribuição no plano intelectual ou artístico a favor da população negra e, por extensão, a toda a humanidade. Aqui mencionaremos algumas destas personalidades segundo suas regiões, sabendo de antemão que são muitas e é impossível mencioná-las. Só para citar um exemplo da inumerável lista de grandes personalidades, quero recordar que o exército de San Martín, na Argentina, tinha 40% de negros, e o exército das guerras de independência em Cuba possuía 60% de negros; isto sem contar a multidão de soldados negros dirigidos por Simón Bolívar, na Colômbia e Venezuela.

Representantes negros do **Caribe**: Macandal (líder religioso e militar da Revolução Haitiana); Jamaica: Marcus Garvey (idealizador do panafricanismo), Bob Marley (músico-cantor e religioso rastafari); Martinica: Aime Cèsaire (poeta e político do panafricanismo), Frantz Fanon (psiquiatra e ideólogo panafricanista); Cuba: José Aponte, Mariana Grajales, José Maceo, Antonio Maceo, Evaristo Estenoz, Pedro Ibonet, Juan Gualberto Gómez (líderes político-militares), Francisco Manzano e Nicolás Guillén (poetas); Trinidad e Tobago: Eric Williams (intelectual e político, líder panafricano).

Representantes negros da **América Latina**: Colômbia: Leonor (mulher líder de um quilombo nas Montanhas de María), Benkos Bioho (o maior líder quilombola da Colômbia), Luruaco, Francisco Arará, Domingo Criollo, Juan

Brun, Pedro Nina (líderes de quilombos), Manuel Zapata Olivella (intelectual, religioso Lumbalú); Brasil: Zumbi, Luísa Mahim (líderes quilombolas), Abdias do Nascimento, Benedita da Silva, Paulo Paim (líderes políticos), José do Patrocínio, Machado de Assis, Milton Santos, Solano Trindade (intelectuais).

Representantes negros da **América do Norte**: Estados Unidos: Cato de Stono (chefe de uma revolta de escravos na Carolina do Sul, em 1739), Phillis Wheatley (poeta, a segunda mulher norte-americana que publica um livro, viveu de 1753-1784), Benjamín Banneker (matemático e astrônomo, viveu de 1731-1806), Booker T. Washington (educador), George W. Carver (inventor de mais de 300 produtos), W. E. B. Du Bois (intelectual panafricanista), Malcolm X (líder religioso-muçulmano e político), Martin Luther King, Jr. (líder religioso cristão-batista e político).

Conclusão

Cada artigo apresentado neste número, como aclaramos no editorial, não se deve observar como grandeza em si mesmo, e sim como uma parte da grande árvore que forma o mundo afro/negro. Nosso esforço por sintetizar é um eixo mais nesta complexa tarefa de apresentar nossa cosmovisão de uma forma mais compatível com a realidade. Estamos tentando, desta forma, neutralizar as visões fracionadas que com frequência lemos em diversos trabalhos. Nossa posição é de conjunto, tendo consciência das rupturas, porém ainda mais fazendo referência aos saltos qualitativos e quantitativos da comunidade na

sua luta pela vida. Entendemos que cada parte do mundo afro/negro tem seus específicos, cada herói e heroína cumpriu seu papel em sua individualidade, porém acima dessas particularidades, quando as informações, coisas, situações e pessoas são convertidas em *históricas* passam energeticamente ao plano da negritude como sistema sustentado por uma comunidade que em certas ocasiões denominamos *panafricana*. Este sistema permanece tanto na comunidade e no imaginário coletivo como na referência intelectual e ideológica que proclamam os ativistas e líderes africanos e afro-descendentes em todo o mundo. Deste modo, mais que concluir, sentimos que olhamos panoramicamente um universo que cada dia se faz mais acessível a nosso povo. Sentimos que estas informações, como as árvores, geraram flores para embelezar a humanidade e produzirão doces frutos para alimentar relações que nos aproximam daquele supremo sonho de Jesus de Nazaré que usualmente clamamos de o Reino de Deus.

Referência

ACOSTA LEYVA, Pedro. *Historiografía afro/negra: una aproximación a un concepto de historia a partir de las Consultas Internacionales de Teología Negra* efectuadas en 1985, 1994, 2003. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005.

_____. *De la hermenéutica negra a la historia afro*. Matanzas: SET, 2003.

FALKEMBACH SIMÃO, Ana Regina. *Resistência e acomodação: a escravidão urbana em Pelotas RS (1812-1850)*. Passo Fundo: UPF, 2002.

Notas

1 Pedro Acosta Leyva é teólogo afro-descendente cubano, licenciado em Sagrada Teologia pelo Seminário Evangélico de Matanzas/Cuba, mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo/Brasil, membro do grupo Identidade e doutorando na EST.

2 FALKEMBACH SIMÃO, *Resistência e acomodação*, p. 22

3 Cf. FANON Frantz; *Pele negra, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983; id. *Por la Revolución africana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1964; id. *Los condenados de la tierra*. México: Fondo de cultura económica, 1963.

4 Cf. CÉSAIRE Aimè. *Poesias*. La Habana: Casa de las Américas, 1969.

4 Cf. ACOSTA LEYVA Pedro. *Bíblia e panafricanismo*, p. 64-67.

6 ACOSTA LEYVA Pedro. *Historiografía afro/negra*, p. 95.

7 O sistema de pensamento africano-bantu tem quatro categorias fundamentais para pensar o universo, a saber, 1) *Muntu* = ser-com-inteligência (ser humano vivo ou morto, a divindade e todos os demais seres espirituais); 2) *Kintu* = ser-sem-inteligência (coisas); *Hantu* = ser-localizador-temporal (inclui a noção de espaço-tempo); 3) *Kuntu* = ser-modal (expressa qualidade). Cf. ACOSTA LEYVA Pedro; *De la hermenéutica negra a la historia afro*, p. 10.

8 Existe uma lista gigantesca de lideranças brasileiras que podem ser encontradas nos livros: MUNANGA, K.; GOMES LINO, N. (Orgs.). *Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global, 2004; OLIVEIRA, Eduardo de (Org.). *Quem é quem na negritude brasileira*. Brasília: Secretaria Nacional de Direitos Humanos, 1998.